

LIMITE-SE AO SEU LIMITE!



“E, à hora nona [três horas da tarde], **Jesus exclamou com grande voz**, dizendo: *Eloí, Eloí, lamá sabactâni?* Isso, traduzido, é: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” (Marcos 15.34)

Em seu último discurso o ator Charles Spencer Chaplin (1889 – 1977)¹, considerado por alguns críticos como o maior artista cinematográfico de todos os tempos, proferiu uma frase que entrou para a história. Ele disse: “*Não sois máquinas! Homens é o que sois!*”. Essa frase representa uma realidade indelével: a natureza humana é

limitada. Ela suporta a alegria, a tristeza, a dor... até certo ponto; se o ultrapassar ela irá sucumbir. Ainda assim, fazemos parte de uma geração que busca, a todo custo, vencer e superar os seus limites. Como resultado dessa busca insana, muitas pessoas vão além do suportável, fazem mais do que o necessário, desejam mais do que é preciso e... quebram, muitas vezes sem que haja cura para o rompimento. E o desrespeito de alguém pelo seu limite individual é a comprovação cabal da falta de conhecimento de si mesmo. Pessoas se quebram física, psíquica e espiritualmente por não conhecerem-se bem.

Mesmo sendo Deus, enquanto homem o Senhor Jesus tinha os seus limites e os reconhecia muito bem. Na narrativa bíblica que trata da Sua crucificação, vemos que Jesus ficou em silêncio enquanto pôde. E quando não pôde mais “*exclamou com grande voz*”, isto é, gritou a plenos pulmões.

Jesus não teve receio ou vergonha de externalizar o sofrimento que ele vivenciava na cruz. E ao fazê-lo, demonstrou que o limite de suportabilidade da Sua humanidade havia chegado. Na cruz do Calvário Jesus foi gente; e gente é o que Ele espera que nós sejamos.

Um dos objetivos de Jesus, durante os seus três anos de ministério na terra, foi o de ensinar os seres humanos a serem mais humanos, mais conscientes de suas limitações. Para isso Jesus **enfrentou** o limite da fome (cf. Mateus 4.2), do sono (cf. Mateus 8.24), da indignação (cf. Mateus 21.12-13), da tristeza (cf. Marcos 14.34), da lamentação (cf. Lucas 19.41), do medo (cf. Lucas 22.41-44), do cansaço (cf. João 4.6), da compaixão pelo próximo (cf. João 11.35), da sede (cf. João 19.28) etc.

Diferentemente de Jesus, muitas vezes nós vestimos a nossa “capa da invulnerabilidade” e passamos a agir como se nada nos afetasse. Passamos a agir como se fôssemos semideuses aqui na terra. Nós nos

¹ Além de ator Charles Spencer Chaplin também foi diretor, produtor, humorista, empresário, escritor, comediante, mímico, dançarino e músico.

esquecemos de que capas são apenas capas. Elas podem até nos cobrir por fora, mas não revestem (protegem) o nosso interior.

Impera hoje nas igrejas evangélicas a cultura de que todo crente fiel deve levar uma vida perfeita, isenta de frustrações e sofrimentos. Muitos conceitos das ideologias da confissão positiva e teologia da prosperidade estão enraizados no inconsciente coletivo de muitas comunidades cristãs. Uma comprovação desse fato pode ser vista no conteúdo dos testemunhos que as pessoas dão na igreja. A maioria quase que absoluta dos depoimentos é sempre sobre bênçãos, vitórias, conquistas. Ninguém demonstra publicamente os fracassos, infortúnios ou adversidades vivenciados no dia-a-dia. Pelo contrário, somente os fortes, os “invulneráveis”, aqueles que superam todos os limites da natureza humana têm algo para compartilhar.



Por não admitirmos e respeitarmos os nossos limites, passamos a viver perante os olhos alheios uma vida cristã “holográfica”. Criamos em nosso imaginário coletivo o estereótipo do que seria um cristão perfeito. Em seguida concebemos essa ideia dentro de um personagem o qual usamos para nos relacionar com as demais pessoas. Enquanto coletividade (principalmente nos ajuntamentos solenes) fingimos que tudo sempre vai bem conosco, ao mesmo tempo em que as pessoas ao nosso redor fingem acreditar nisso, uma vez que elas também cultivam um personagem imaginário dentro de si, para ser usado quando necessário. Mas como Deus não se relaciona com personagens, mas com pessoas, quando estamos distante dos olhos dos outros, na presença de nós mesmos apenas, o que sobra em nós é um vazio existencial, um sentimento de frustração diante daquilo que realmente somos.

O desejo de Deus é que seus filhos vivam a sua humanidade em toda a sua plenitude. Aquele que busca viver uma vida, segundo o coração de Deus, tem a consciência tranquila, vive bem consigo mesmo e não se torna refém da opinião das outras pessoas a seu respeito. Seguindo o exemplo do salmista Davi, ele consegue (ante o desprezo das pessoas) dançar exultantemente quando está feliz (cf. 1Crônicas 15.29) e, diante da dor e do sofrimento, erguer a voz e chorar até não haver mais forças para isso (cf. 1Samuel 30.4). Afinal, como disse o apóstolo Paulo, é o Senhor quem nos julga e conhece as reais intenções do nosso coração (cf. 1Coríntios 4.4).

O influente político americano James Johnston Blanchard defende a ideia de que *“Deus realiza uma obra poderosa em nosso coração, quando conseguimos louvá-Lo por todas as dores, bendizê-Lo por todos os fardos, cantar diante de todas as tristezas e ter alegria em todas as correções”*.

Sendo assim, vivamos a nossa humanidade com total liberdade. Limitemo-nos ao nosso limite. Sejamos aquilo que nós somos no coração de Deus. Vivamos com intensidade, mas até o limite da suportabilidade. Como disse certa vez o pastor escocês Robert Murray M’Cheyne (1813 – 1843), *“o crente deve ser conhecido não apenas por sua paz e alegria, mas também por suas lutas e tristezas”*.